

MECANISMOS DE LEGITIMIDADE E TRADIÇÃO
NA HISTORIOGRAFIA LATINA

Juliana Bastos Marques*
jbastos@usp.br

RESUMO: O conjunto dos historiadores antigos de língua latina, em especial Tito Lívio, Tácito e Amiano Marcelino, cujos textos chegaram melhor preservados até nós, apresenta determinadas características que os diferenciam da historiografia grega, formando assim uma tradição escrita peculiar. Este artigo pretende discutir alguns aspectos teóricos relacionados à definição do gênero narrativo da historiografia latina, em especial quanto aos recursos retóricos utilizados pelos autores latinos para se inserir e se legitimar dentro da tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia latina, tradição, legitimidade, Tito Lívio, Tácito, Amiano Marcelino.

Nos principais manuais de literatura latina, e também na maior parte da bibliografia específica sobre os historiadores antigos, a definição da historiografia não tem sido apresentada através de grandes reflexões teóricas. É muito comum encontrar textos que enumeram as características individuais de cada historiador latino numa sucessão cronológica padrão, desde os primórdios da historiografia em Roma, com Fábio Pictor, até o surgimento da historiografia cristã, sem no entanto problematizar de maneira abrangente o que define tal sucessão em termos teóricos-literários, retóricos ou do gênero histórico propriamente dito.¹ Mais ainda, o *corpus* dos estudos sobre historiografia geralmente se apresenta, além dos manuais, como uma coleção de monografias sobre cada historiador antigo, em que a ênfase é dada na relação do autor estudado com seus predecessores em termos de tratamento de conteúdo, abordagem e estilo.² Algumas vezes, também, os critérios de agrupamento de autores em tais obras seguem uma definição mais baseada nos conceitos contemporâneos do que nos conceitos antigos sobre o que deveria se entender como uma obra histórica. E assim vemos, por exemplo,

* Doutora em História Social pela FFLCH/USP.

autores considerados biógrafos na Antigüidade sendo estudados juntamente com historiadores no sentido mais restrito: Cornélio Nepos e Suetônio são os exemplos mais evidentes.

É característica do século XIX, presente até meados do século XX, a necessidade de considerar os historiadores antigos como importantes ou não, de acordo com sua relevância estilística e com seu tratamento de cada determinado período, mediante o uso de certos critérios acerca do que seria uma história mais fidedigna, verdadeira e correta no uso das fontes. Assim, Tucídides seria admirado por muitos como o “pai da história científica” – história essa baseada nos padrões metodológicos positivistas do século XIX – e assim tomado como definidor de um certo padrão de validade e relevância aplicado a historiadores de todo o resto da Antigüidade.³ Ou também, em termos estilísticos, a valorização da “Idade de Ouro” da língua latina certamente legitimou muito mais o estudo, por exemplo, de Salústio em detrimento de autores do Baixo Império, como Dión Cássio – um autor com pouquíssima bibliografia⁴ – e Amiano Marcelino, sobre quem a ênfase dos poucos estudos recai geralmente em aspectos militares e no governo do imperador Juliano.⁵ Portanto, se por um lado os trabalhos mais recentes sobre historiografia latina têm finalmente reabilitado autores antes considerados pouco relevantes por aqueles padrões, como Veleio Patérculo (HELLEGOUARC’H, 1984) e Floro (RUCH, 1972), ainda há muito espaço para repensar as noções antigas de tradição historiográfica e da legitimidade dos autores latinos dentro dela.

O debate, na verdade, é antigo, se considerarmos a classificação de Felix Jacoby dos fragmentos dos historiadores gregos, na compilação *Die Fragmente der griechischen Historiker*, de 1923.⁶ Em seu trabalho, Jacoby priorizou uma classificação em sub-gêneros dos textos e temas dos historiadores gregos, ao invés de uma classificação meramente cronológica. Assim, os fragmentos foram divididos nas seguintes categorias: mitografia/genealogia, etnografia, cronografia, história contemporânea (*Zeitgeschichte* – que Jacoby considerava como o paradigma da historiografia grega) e horografia, ou história local. Tal divisão foi a base para as reflexões posteriores a respeito dos objetivos e formas da historiografia grega, embora não tenha sido seguida nas compilações de fragmentos dos historiadores latinos. A mais utilizada destas, *Historicorum Romanorum Fragmenta*, feita por Peter Hermann, é ainda de 1883, mas mesmo as compilações mais recentes de Chassignet (2003; 2004) também apresentam uma disposição cronológica, e mais conservadora, dos fragmentos.

A pesquisa de Fornara (1983) é uma releitura crítica das classificações de Jacoby, e também o trabalho de Arnaldo Momigliano e Luciano Canfora apontou na direção de uma reflexão teórica mais sistematizada sobre os mecanismos de identidade e legitimação dos historiadores antigos dentro da tradição do gênero historiográfico. No entanto, é apenas com o recente livro de John Marincola (1999) que vemos um estudo focado exclusivamente nas diversas formas de apresentação desses mecanismos.⁷

Também se inclui nesse novo questionamento a valorização da importância dos estudos sobre retórica e sua influência no discurso histórico antigo, abordagem em que os estudos de A. J. Woodman (1988) e de seus pares britânicos têm apontado novas possibilidades. A retórica antiga já foi um tópico muito importante, quando servia de base e exemplo para o estudo da expressão escrita e oral no mundo erudito e acadêmico, especialmente no campo do direito. No entanto, a ênfase na rigidez das regras e na exaustiva e minuciosa enumeração das características do discurso retórico definidas por Cícero e Quintiliano já não faz mais sentido nas novas leituras propostas. De maneira concomitante, de certa forma hoje estão superadas as abordagens centradas na *Quellenforschung*, dando-se maior ênfase às particularidades da visão histórica do autor antigo estudado.⁸ Assim, repensar a importância da teoria retórica para o mundo antigo é também parte dessa necessidade de definir a historiografia latina sob uma nova ótica.

Seria interessante, ainda, apontar brevemente a diferença conceitual entre historiografia “romana” e “latina”. Aparentemente, é muito simples: “romana” porque escrita no mundo romano, ou por romanos, e “latina”, quando é escrita em latim. Mas os termos podem se confundir, já que isso implica a importante distinção entre a tradição historiográfica estritamente característica de Roma, com temas, ênfases, estilo e identificação com a literatura latina, e a produção de autores que viveram no mundo romano mas escreviam em grego. Esta segunda categoria é bastante heterogênea, e pode ser dividida entre os autores gregos que viviam no mundo romano (Políbio, Dioniso de Halicarnasso, Dión Cássio, Herodiano etc.), outros autores que viviam no Império Romano mas não eram nem gregos nem romanos (especialmente Flávio Josefo), e ainda os primeiros historiadores romanos, como Fábio Pictor, que se baseavam nos padrões gregos – até mesmo usando a língua grega – para escrever história, mas que representam o início da tradição historiográfica estritamente latina.

Em termos da formação dessa tradição, analisemos antes alguns pontos sobre o mundo grego antes de entrarmos na análise da historiografia

latina, para podermos compreender de que forma a historiografia latina, ao mesmo tempo deriva da grega e se constitui em uma singularidade. Afinal, também, quando se fala em tradição, o ponto de partida é de fundamental importância para definir seu desenvolvimento. A princípio, a história como gênero narrativo surge não com Heródoto, mas com Hecateu, pelo que podemos ler a partir de seus poucos fragmentos. Heródoto – e talvez também Hecateu – é sucessor e continuador nada menos do que do próprio Homero. Sem aqui nos aprofundarmos na questão da validade da épica como fonte histórica no mundo antigo, vemos ainda que para Heródoto é possível de certa forma encontrar a verdade no relato épico, já que esse gênero compartilha com a História a relevância do tema (HUNTER, 1982). Se a Guerra de Tróia é um tema de tal magnitude que merece ser relatada por Homero, essa é a mesma justificativa apresentada por Heródoto para sua obra. Ainda mais: a fixação do relato para preservação da memória é outra característica comum aos dois autores. E, assim, todos os continuadores de Heródoto, que ajudarão a consolidar a definição do que é e para que serve a escrita da história, partirão daí para frente desses mesmos princípios.

O aspecto da legitimidade, fundamental na tradição historiográfica antiga, no mundo latino também reflete o que acontece na historiografia grega. Um autor só justifica seu esforço de pesquisa (no próprio sentido de *historêin* – relato) e a relevância e importância de sua obra se ele se apresentar como herdeiro digno de seu ou seus antecessores. Se Heródoto – ou ainda mais, Homero – foi grande e cumpriu com maestria o seu intento, cada autor seguinte deverá alegar que sua obra é tão ou principalmente *mais* importante, grandiosa, completa, verdadeira e bem escrita para justificar sua autoridade. Muitas vezes o historiador chega a depreciar explicitamente seus antecessores para justificar sua escolha de tema e período e assim se impor – é o que acontece, por exemplo, no caso de Políbio em relação a seu antecessor, Timeu.⁹ No mundo latino, essa é uma característica que permanece, como necessidade de justificativa do trabalho do autor (MARINCOLA, 1999).

Fábio Pictor, o primeiro historiador latino (século 3 a.C.), sofre certamente uma influência direta dos padrões historiográficos gregos do período helenístico, ao escrever uma história de Roma em grego.¹⁰ O mesmo acontece com Cíncio Alimento e outros autores do período imediatamente posterior a Fábio Pictor, mas os fragmentos desses autores de que dispomos infelizmente são tão esparsos a ponto de tornar controversa a questão do quanto essa influência foi determinante para seus textos, e de quais podem

ser os elementos mais tipicamente locais que os caracterizam (MOMIGLIANO, 2004; CORNELL, 1986; TIMPE, 1972).

Quando Catão escreve as *Origens*, iniciando enfim a história escrita especificamente na língua latina, as características que vimos já estão consolidadas e se mantêm. Além disso, agora são reforçadas ainda mais claramente pela influência dos anais pontificiais e das tradições particulares das famílias aristocráticas romanas na narrativa histórica latina, enfatizando o caráter tipicamente romano da importância da preservação da memória dos antepassados e da valorização de seu exemplo.¹¹ É também já a partir da República que a historiografia latina passa a se caracterizar definitivamente pela forma analística (derivada dos anais pontificiais) que apresenta um balizamento e uma divisão rígidos ano a ano, distanciando-a portanto da história temática que caracteriza o mundo grego (JAL, 1997; RICH, 1997).

Várias conjecturas que têm sido feitas sobre a sucessão dos historiadores latinos antes de Salústio são inconclusivas, dado o estado precário dos fragmentos. Dessa forma, fica muito difícil estabelecer a forma da sucessão entre os historiadores latinos do período republicano e a legitimidade que cada autor apresenta ao se inserir na tradição. Resta como exemplo, e talvez com um pouco mais de segurança, o caso do próprio Salústio. Mas não é em suas monografias, *Catilina* e *Jugurta*, que ele se apresenta como continuador da tradição, e sim nas *Histórias*, texto de caráter analítico do qual temos apenas fragmentos. Porém, já que um trecho do seu prefácio sobreviveu até nós, preservou-se sua própria referência sobre o balizamento da obra, mencionando que a narrativa se inicia em 78 a.C.¹² Assim, Salústio provavelmente continuaria a obra do historiador precedente, Sisena, de quem os fragmentos remanescentes indicam que tratou do período anterior a esse.

Mas a questão da sucessão e da legitimidade nos historiadores latinos começa em termos mais precisos apenas com Tito Lívio. O grandioso plano de sua obra é, de longe, a tentativa mais ambiciosa feita por qualquer historiador latino até então de narrar a história de Roma – das suas mais remotas origens até o presente do autor. Ora, como vimos, uma característica da historiografia latina é que, ao apresentar sua escolha de balizamento, os autores pretendem continuar mais ou menos do ponto onde seu antecessor parou.¹³ Isso significava que, ao admitir determinados antecessores como representantes legítimos da narrativa do passado, o historiador assumia que a tradição por eles estabelecida se tornava geralmente canônica. As falhas apontadas seriam assim apenas associadas à falta de habilidade de

alguns – metodológica, estilística, enfim – e esses erros expressariam uma imperfeição particular na substância da “verdade histórica”.¹⁴

Tito Lívio, através do escopo temporal de sua obra, procura superar essas questões. Ele reescreve toda a tradição anterior, pretendendo refazer a narrativa dos seus antecessores – tanto os que critica quanto os de mérito reconhecido –, já que começa seu texto não de alguma obra já previamente aceita, mas sim novamente das origens remotas do povo romano, com o exílio de Enéas e seu estabelecimento na Itália.¹⁵ No seu prefácio, entretanto, Tito Lívio aparece muito humilde em relação aos seus antecessores – de várias maneiras apresentados como melhores, mais capazes ou mais completos e exatos do que ele –, embora nenhum nome seja mencionado:

aparecem sempre novos escritores que dizem superar os outros, ao tratar dos fatos mais corretamente, ou suplantando o estilo rude dos antigos [...]. E, se no meio dessa turba de escritores, minha fama permanecer obscura, a nobreza e a magnitude dos que me ultrapassarem serão o meu consolo.¹⁶

Mas isso é uma pista falsa, já que, para começar, o propósito mesmo de reescrever a história romana contradiz essa humildade. O ponto principal aqui nada mais é do que uma fórmula retórica, amplamente conhecida no mundo latino, de cativar a audiência e estabelecer a autoridade dos argumentos quando o autor se diz inferior e mais incapaz do que os outros, e na verdade, ao escrever, prova justamente o contrário.¹⁷

Vemos em Tito Lívio, como em geral entre os historiadores antigos, uma avaliação de mérito dos antecessores, que distingue entre os autores mais antigos e os mais recentes. Os mais antigos, *ueteres auctores*, são tratados como fontes mais definitivas, embora às vezes incompletas ou contraditórias, devido ao problema da antigüidade em si dos fatos e da dificuldade em conseguir informações confiáveis e completas. Mas o que os faz mais confiáveis é justamente o fato de pertencerem a uma tradição consolidada, e Tito Lívio, quando os cita, apresenta as versões das fontes mais antigas mas não as reconstrói. Já no caso dos seus antecessores mais recentes, Tito Lívio questiona com mais críticas seus relatos, sua pesquisa e sua metodologia.¹⁸ Trata-se, assim, da continuidade em relação a uma tradição anterior e contraste com a recente, o que busca legitimar Tito Lívio por aproximá-lo aos autores antigos já consolidados (LUCE, 1977 para o uso das fontes).

Ainda outro aspecto justifica a decisão de Tito Lívio de reescrever a história romana. A estrutura dos seus livros segue um objetivo temático

determinado, que é a formação e a consolidação do povo romano. Assim, diversos estudos recentes têm demonstrado com clareza o propósito didático em especial da primeira década, ao apresentar temas específicos em períodos e personagens.¹⁹ As virtudes do povo romano, como *pietas*, *fides* e *grauitas* são personificadas em determinados personagens, como nos primeiros reis, ou em Camilo, e a grandeza do caráter dos romanos é simbolizada em episódios como o estabelecimento da República ou a reconstrução de Roma após a invasão gaulesa. É nesse sentido que, no prefácio, Tito Lívio aponta para a utilidade de sua obra, que não apenas tem a função de deleitar mas também de ensinar seu público,²⁰ o que se torna especialmente adequado para o período de reconstrução da identidade romana com a reforma institucional e cultural de Augusto (FORNARA, 1983, p. 73-75; GALINSKY, 1996).

Tópicos como esses são exemplares para definirmos os aspectos da tradição que são característicos da historiografia latina e também para entendermos como um historiador, no caso Tito Lívio, se legitima e se inclui nela. Ele nos mostra, ainda, através de seu balizamento, que incluir-se na linha sucessória dos historiadores latinos formadores de um *continuum* narrativo da história romana não significava necessariamente começar de onde o antecessor parou. Mas, embora Tito Lívio reescreva a história romana, aceitar a tradição do passado significa identificar-se com a historiografia consolidada mais remota, como também procurar superá-la estilisticamente. Dessa forma, lembramos que, assim como no caso de outros gêneros literários na Antigüidade, a emulação é uma busca fundamental do bom autor em relação aos seus antecessores.²¹

Tácito nos traz mais elementos para reflexão. A pergunta que fazemos aqui é: ele se coloca como continuador de Tito Lívio? Ou, na verdade, essa tradição historiográfica que estamos tentando compreender não corresponde necessariamente à preservação dos textos, hoje disponíveis, a partir da Idade Média? O estado dos textos históricos latinos dos períodos Júlio-Cláudio e Flávio é terrivelmente lacunar: em melhor situação temos Veleio Patérculo, que é epitomador e, portanto, está ao largo dessa tradição historiográfica, mas outros textos estão disponíveis em fragmentos ou mesmo apenas como nomes. Sabemos, por várias referências, inclusive no próprio Tácito, de vários historiadores antigos que são considerados importantes nesse período, como Asínio Pólio, Sêneca, o Velho, Aufídio Basso, Servílio Noniano,²² Cúrcio Rufo, Fábio Rústico e Plínio, o Velho, mas agora podemos apenas conjecturar sobre suas pretensões de legitimação na tradição historiográfica latina.

Teríamos, a rigor, um problema de seqüência cronológica quebrada entre Tito Lívio e Tácito, pois ocorre um intervalo entre o fim da obra de Tito Lívio, que, embora não tenhamos, sabemos que é de 9 a.C., e o início dos *Anais*, em 14 d.C. Porém, é importante lembrar que, na verdade, o propósito inicial de Tácito ao escrever historiografia era continuar a história romana a partir da guerra civil que se segue ao fim do período Júlio-Cláudio, com as *Histórias* começando no início de 69 d.C. Isso significaria inicialmente que Tácito pode ter considerado a legitimidade de determinados autores do período Júlio-Cláudio antes de decidir reescrever o período de que eles tratam. Mas, vejamos: no prefácio das *Histórias*, Tácito afirma que sua escolha ao iniciar a obra em 69 d.C. se deve ao fato de que, antes desse período, ou seja, da fundação de Roma até então, havia muitos outros historiadores. Todavia, se na República eles “escreveram com iguais eloqüência e liberdade”,²³ ele afirma que depois de Ácio a verdade acabou por ceder à adulação. Estaria ele, desse modo, já condenando o mérito de todos os autores desde Augusto? A questão fica nebulosa até o prefácio dos *Anais*, onde ele finalmente afirma com mais clareza que tanto na República quanto sob Augusto – certamente numa menção indireta a Tito Lívio – havia “grandes talentos”. Conclui então que, só a partir de Tibério, devido ao medo ou ao comprometimento, não foi possível escrever a história de modo imparcial:

Mas as antigas glórias e desastres do povo romano já foram recordadas por eminentes escritores; e não faltaram grandes talentos para narrar a época de Augusto, até que a crescente adulação os fez interromper. As histórias de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero foram adulteradas por conta do medo, e ainda depois de suas mortes, escritas sob ódios recentes. Portanto resolvi escrever um pouco sobre os últimos tempos de Augusto, e depois sobre o Principado de Tibério adiante, sem rancor ou partido, pois não tenho motivos para isso.²⁴

As contradições surgidas a partir da confrontação entre os dois prefácios são questões controversas e vêm sido exaustivamente debatidas nos estudos taciteanos. Porém, pela lógica, cabe concluir que, ao escrever finalmente os *Anais*, Tácito se coloca de fato como continuador da narrativa histórica latina do período augustano, já que nos faltam subsídios seguros para afirmar que ele continua necessariamente Tito Lívio – no que ele deveria portanto começar os *Anais* em 9 d.C, não em 14 d.C.²⁵ Talvez uma pista fortaleça a conclusão de que Tácito continua Tito Lívio mesmo com essa lacuna: se vimos acima como aproximar-se dos antecessores mais antigos é

uma forma de buscar a legitimidade, Tácito afirma exatamente isso em relação a Tito Lívio no *Agricola* (10.3), onde diz que este e Fábio Rústico são *eloquentissimi auctores*, o primeiro entre os antigos (*veterum*) e o segundo entre os recentes. Considerando-se ainda que o *Agricola* precede em muitos anos os *Anais*, outra pista adiante descarta a autoridade de Fábio Rústico: no *Agricola*, Tácito questiona a imparcialidade do historiador, alegando que suas informações sobre Sêneca são tendenciosas, já que os dois eram amigos (*Anais*, 13.20).

Outro fator ainda, extremamente significativo para compreendermos a contribuição que Tácito faz de sua legitimidade na tradição, é a digressão observada nos *Anais*, IV, 33, onde ele lamenta não poder tratar de assuntos elevados e edificantes, mas de trivialidades e baixezas da corte imperial.

Descrições geográficas, vicissitudes das batalhas, mortes gloriosas de generais, são o que retêm e renovam a mente do leitor. Meus temas são ordens cruéis, acusações incessantes, amizades falsas, a ruína da inocência, as mesmas causas levando aos mesmos resultados, numa constante monotonia de assuntos.²⁶

Diminuir a importância de sua própria obra é um argumento raro entre os historiadores – vimos antes como, desde Heródoto, um dos principais motivos para se escrever história é a grandeza do tema. Mas, assim como Tito Lívio aparentemente se diminui perante seus antecessores no Prefácio, o uso feito por Tácito de sua pretensa inferioridade é exemplo também da mesma fórmula retórica. Na verdade, seu trabalho é ainda maior e mais importante do que o dos seus antecessores, pois, superando um tema a princípio vil, sua obra pretende ser mais merecedora ainda de valor ao deleitar e ao instruir – num mundo onde o leitor deve aprender a sobreviver na delicada relação entre as elites e o imperador e sua corte. Sua identificação com os grandes historiadores republicanos está simbolizada na história da condenação do historiador Cremúcio Cordo, num trecho imediatamente posterior à digressão e no qual Tácito faz uma apologia à liberdade senatorial.

De Tácito inferimos aqui mais outra característica da tradição historiográfica latina: o uso de determinadas fontes não tem relação direta com a pretensão de continuidade dos antecessores. Ou seja, os fatos que a fonte narra podem ser reutilizados e retrabalhados, mesmo que se reconheça que esta não é fidedigna o suficiente. O parcial Fábio Rústico é, por exemplo, uma das fontes utilizadas por Tácito.²⁷ E, se não podemos garantir totalmente que Tácito continua Tito Lívio, lembremos ainda que não é ne-

cessário partir exatamente do ponto onde este parou. A questão da legitimidade passa, como vimos, pelo questionamento da autoridade das fontes, em especial das recentes, e principalmente pela identificação com a narrativa consolidada pelos autores mais antigos.

E finalmente chegamos a Amiano Marcelino. Existe, de fato, um salto cronológico enorme, de mais de duzentos anos, entre a morte de Tácito e o nascimento de Amiano, mas essa lacuna representa o declínio da importância da história como gênero literário e do estabelecimento da biografia e da epítome como os sub-gêneros mais difundidos na literatura latina do Baixo Império. Se no mundo de língua grega a história ainda continua a ser escrita, como por Díon Cássio e Herodiano, entre os latinos a importância da pessoa do imperador define o interesse da audiência e dos autores, e, assim, de Suetônio a Mário Máximo, passando pela História Augusta, bem como de Floro a Aurélio Vítor, os biógrafos e epitomadores substituem a continuidade da história analítica latina além de Tácito.

Amiano Marcelino pretende voltar à tradição historiográfica propriamente dita, e diversos elementos tornam bastante clara sua intenção de retomar o exemplo de Tácito (BARNES, 1990; MOMIGLIANO, 1993). Em que pese a falta de um prefácio no início da obra de Amiano, já que seu texto preservado começa apenas no livro 14, existem dois outros pequenos prefácios dentro dos livros restantes, os parágrafos iniciais dos livros 15 e 26, nos quais o autor destaca a retomada da história como gênero de estilo grandioso, fidedigno e imparcial, comparada às trivialidades “inúteis” do “baixo” estilo da biografia. Sua obra fecha com a recapitulação desta mesma idéia, mostrando que, de fato, Amiano Marcelino lida com um mundo já avesso à relevância da narrativa histórica propriamente dita, e ele apresenta uma necessidade ainda mais premente de afirmar sua legitimidade como pertencente à tradição:

Esta é a história que eu, um grego e ex-militar, escrevi sobre os eventos do início do principado de Nerva até a morte de Valente, na medida das minhas habilidades. Ela pretende dizer a verdade, que considero não ter corrompido pelo silêncio ou pela mentira. O resto, que seja escrito pelos melhores, no auge de sua capacidade. Mas se eles quiserem empreender essa tarefa, aconselho-os a escrever no estilo dos mestres.²⁸

Podemos inferir que Amiano Marcelino segue Tácito ao notarmos as seguintes características: sabemos, como visto no trecho acima, que sua obra começa com a ascensão de Nerva, em 96 d.C., e que as *Histórias* de Tácito terminam com a morte de Domiciano – estando, portanto, aqui o exemplo

mais explícito de continuação em termos de balizamento cronológico na historiografia latina. Além disso, seu estilo, mesmo que já distante do latim “de prata” e um pouco tortuoso e artificial, contém diversos elementos que remetem diretamente a Tácito, como vários estudos contemporâneos têm mostrado (BLOCKLEY, 1973). Mesmo sua necessidade constante de demonstrar que escreve uma história séria e em estilo grandioso é obviamente consequência do fato de que não há modelos recentes a copiar; ele deve então buscar o estilo dos antigos (*ad maiores*), para que possa se caracterizar como representante legítimo da tradição historiográfica latina.

O próprio plano da obra de Amiano Marcelino demonstra sua intenção de se integrar depois de Tácito, pois, como vimos, para ele é necessário ser mais explícito ao continuar a tradição, dada a dificuldade de se estabelecer em um mundo onde a presença da biografia é muito maior. Seu foco central é sem dúvida o seu próprio período, e sua experiência pessoal, uma de suas principais fontes. O plano inicial de seu texto previa tratar até a morte de Joviano (364 d.C.), justificando, portanto, o ápice da narrativa no minúsculo reinado do imperador Juliano, antecessor de Joviano e apresentado como o herói resgatador da identidade romana antiga – de fato, sobre Juliano, Amiano Marcelino escreve quatro livros inteiros para apenas dois anos de reinado. Depois, o historiador resolve estender sua obra até a morte de Valente (daí o prefácio do livro 26), totalizando apenas 25 anos para 17 livros. Mesmo assim, Amiano Marcelino ainda sente a necessidade de cobrir todo o grande vazio na historiografia latina entre 96 d.C. e sua própria época, e usa 13 livros para comprimir 257 anos de história romana (ROHRBACHER, 2002).

Também por ser de origem grega mas identificar-se como romano, o que faz com ênfase e orgulho, Amiano Marcelino pretende se inserir na tradição historiográfica latina precisando demonstrar, da maneira mais clara possível, a sua legitimidade. Com ele, vemos consolidadas as características que definem essa tradição, como o reconhecimento da importância dos autores antigos e sua intenção de se posicionar, com mérito, como sucessor deles.

Portanto, mesmo que tenhamos algumas dificuldades para precisar com exatidão a postura de cada historiador latino perante a tradição, por conta do próprio estado fragmentário de todos os textos, é possível estabelecer uma determinada continuidade entre eles, bem como apontar indícios dos mecanismos que esses autores utilizam para construir sua legitimidade. Tais mecanismos, como vimos, são também indicadores de uma consi-

derável singularidade da historiografia latina perante a herança das regras da historiografia grega como gênero narrativo.

MECHANISMS OF LEGITIMACY AND TRADITION IN LATIN HISTORIOGRAPHY

ABSTRACT: Latin historians, such as Livy, Tacitus and Ammianus, whose texts have survived in better condition, have a set of particular features that distinguish them from Greek historiography, thus creating a distinctive written tradition. This article discusses some theoretical aspects related to the definitions of genre in Latin historiography, notably the rhetorical tools used by the Latin historians in order to include and endorse themselves within tradition.

KEY WORDS: Latin historiography, tradition, legitimacy, Livy, Tacitus, Ammianus.

NOTAS

- 1 Dihle, 1994; Hartog, 2001; Kenney & Clausen, 2000, entre outros manuais.
- 2 A bibliografia adiante aponta alguns títulos importantes para Tito Lívio, Tácito e Amiano Marcelino, em que isso geralmente ainda acontece.
- 3 Sobre a teleologia de Felix Jacoby, com a historiografia grega se desenvolvendo na sucessão Hecateu-Hérodoto-Tucídides, ver Marincola, 2004. p. 287.
- 4 Destacando-se Millar, 1964. Cf. Gonçalves, 2003.
- 5 Em especial no caso de obras até a metade do século XX. Após a publicação do trabalho pioneiro de E. A. Thompson (1947), passaram-se mais algumas décadas até que ocorresse um interesse maior por Amiano, seguindo uma tendência de valorização de temas de pesquisa sobre o Baixo Império. Cf. Carvalho, 1996.
- 6 Baseado em seu artigo de 1909, *Über die Entwicklung der griechischen Historiographie und den Plan einer neuen Sammlung der Historikerfragmente*. *Klio*, 9, p. 80-123.
- 7 Lacy (1999) também menciona essa tendência.
- 8 Ver, como exemplo, as diferenças entre a “velha escola” da *Quellenforschung* e a “nova escola retórica-temática” sobre Tito Lívio, assim discutidas em Miles, 1997. p. 1-7.
- 9 Políbio, *Histórias*, livro 12.
- 10 Mas como bem coloca Mellor (1999, p. 17), “We cannot be certain whether this was due to the desire to appeal to a wider readership, the undeveloped state of Latin prose, or cultural pretentiousness.”
- 11 Para uma discussão dessa característica, ver Fredericks, 1969.
- 12 “res populi Romani M. Lepido Q. Catulo consulibus ac deinde militiae et domi gestas conposui”. “Compus a história militar e civil do povo romano desde o consulado de Lépido e Catulo e os anos seguintes”.

- 13 No caso da historiografia grega, apesar da seqüência Hecateu-Heródoto-Tucídides, a tendência é mais controversa (FORNARA, 1983; MARINCOLA, 2004).
- 14 "...when writing up a period already blessed with historical narratives, ancient writers did not add bogus 'facts' out of their imagination. The nature of the game was to operate with the material at one's disposal, identifying and criticizing falsehood and bias, combining details from several sources into a composite picture not paralleled in any single source, but not adding invention of one's own" (BOSWORTH, 2003, p. 194).
- 15 Não é o único, mas certamente se torna canônico no período imperial, já que os historiadores latinos seguintes ou o seguem, ou o tomam como fonte de suas epítomes.
- 16 "...novi semper scriptores aut in rebus certius aliquid allaturos se aut scribendi arte rudem vetustatem superaturos credunt [...] et si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum me qui nomini officient meo consoler". *Ab urbe condita*, 1.1.
- 17 Cf. Cícero, *De Oratore*, II, 43 e seguintes.
- 18 Como no caso de Valério Âncias, que Tito Lívio não perdoa em XXVI, 49 e XXXIII, 10.
- 19 A partir de LUCE, 1977, numa leitura paralela à de Dumézil (citada em BEARD et al., 1998, p. 14-16). Cf., em especial, Miles, 1986, p. 1-33.
- 20 Enfatizando o aspecto utilitário da História (assim como Políbio), em relação ao aspecto de entretenimento, também fundamental e definidor da historiografia antiga.
- 21 "The element of emulation – which might easily be seen as arrogance or foolishness if one failed – is what is at issue here: for if you continue an author such as Ephorus or Livy or even Timaeus, who were seen as the definitive writers on their topics, you are inviting comparison with them, and claiming that your performance will rival theirs and likewise be 'definitive'. Both aspiration and emulation, linking one's work to a predecessor's is a way of making a claim, without overt advertisement of one's own abilities" (MARINCOLA, 1999, p. 241).
- 22 Estes dois valorizados por Quintiliano, *Instituições Oratórias*, I, p. 102-103.
- 23 "pari eloquentia ac libertate".
- 24 "sed veteris populi Romani prospera vel adversa claris scriptoribus memorata sunt; temporibusque Augusti dicendis non defuere decora ingenia, donec gliscente adulatione deterrerentur. Tiberii Gaique et Claudii ac Neronis res florentibus ipsis ob metum falsae, postquam occiderant, recentibus odiis compositae sunt. inde consilium mihi pauca de Augusto et extrema tradere, mox Tiberii principatum et cetera, sine ira et studio, quorum causas procul habeo."
- 25 Para uma crítica à rigidez dessa regra, ver Marincola, 2004.

- 26 “Nam situs gentium, varietates proeliorum, clari ducum exitus retinent ac redintegrant legentium animum: nos saeva iussa, continuas accusationes, fallaces amicitias, perniciem innocentium et easdem exitii causas coniungimus, obvia rerum similitudine et satietate.”
- 27 Diretamente mencionado nos Anais, em XIII.20, XIV.2 e XV.61.
- 28 31.16: “Haec ut miles quondam et Graecus, a principatu Caesaris Nervae exorsus ad usque Valentis interitum pro virium explicavi mensura: opus veritatem professum numquam, ut arbitror, sciens silentio ausus corrumpere vel mendacio. scribant reliqua potiores, aetate doctrinisque florentes. quos id, si libuerit, adgressuros, procudere linguas ad maiores moneo stilos.”

REFERÊNCIAS

- AMMIANUS MARCELLINUS. *Roman history*. 3 v. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985. (The Loeb Classical Library).
- BARNES, T. D. Literary convention, nostalgia and reality in Ammianus Marcellinus. In: CLARKE, Graeme (Ed.). *Reading the past in late antiquity*. Rushcutters Bay: Australian National University Press/Pergamon Press, p. 59-92, 1990.
- _____. *Ammianus Marcellinus and the representation of historical reality*. Ithaca/New York: Cornell University Press, 1998.
- BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. *Religions of Rome*. 2 v. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BLOCKLEY, R. C. Tacitean influence upon Ammianus Marcellinus. *Latomus*, 32, p. 63-78, 1973.
- BOSWORTH, A. B. Plus ça change... Ancient Historians and their Sources. *Classical Antiquity*, v. 22, n. 2, p. 167-198, 2003.
- BREISACH, E. *Historiography*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- CANFORA, Luciano. *Studi di storia della storiografia romana*. Bari: Edipuglia, 1993.
- CARVALHO, Margarida Maria de. A heroificação do imperador Juliano no relato de Amiano Marcelino. *LPH - Revista de História* (UFOP), Minas Gerais, v. 6, p. 159-164, 1996.
- CHASSIGNET, Martine. *L'annalistique romaine*. Tome I – Les annales des Pontifes, L'annalistique ancienne (fragments). Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- _____. *L'annalistique romaine*. Tome III – L'annalistique récente, L'autobiographie politique (fragments). Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- CHRIST, Karl. Arnaldo Momigliano and the History of Historiography. *History and Theory*, v. 30, n. 4, p. 5-12, 1991.
- CICERO. *De Oratore*. Books I-II. Cambridge, Mass./London: Heinemann/Harvard University Press, 1996. (The Loeb Classical Library).
- História Revista, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 139-155, jan./jun. 2008

- CLARKE, M. L. *Rhetoric at Rome - a historical Survey*. London/New York: Routledge, 1996.
- CORNELL, T. The formation of the historical tradition of Early Rome. *Past Perspectives*. Studies in Greek and Roman Historical Writings. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 67-86.
- DIHLE, Albrecht. *Greek and Latin Literature of the Roman Empire - From Augustus to Justinian*. London/New York: Routledge, 1994.
- FLORUS. *Epitome of Roman History*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1984. (The Loeb Classical Library).
- FORNARA, Charles W. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. Berkeley, LA/London: University of California Press, 1983.
- FREDERICKS, Sigmund Casey. *Mos maiorum in Juvenal and Tacitus*. 1969. PhD (Thesis) - University of Pennsylvania, 1969.
- GALINSKY, Karl. *Augustan Culture: an interpretive introduction*. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- GONÇALVES, A. T. M. A idealização da figura do imperador romano: o debate Agripa-Mecenas na obra de Dion Cássio. *Klepsidra*, São Paulo, v. 14, p. 1-14, 2003.
- HARTOG, F. (Org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- HELLEGOUARÇ'H, J. État present des travaux sur l' "Histoire Romaine" de Velleius Paterculus. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II.32.1, p. 404-436, 1984.
- HERMANN, Peter. *Historicorum Romanorum Fragmenta*. Teubner, 1883.
- HUNTER, V. *Past and process in Herodotus and Thucydides*. Princeton: Princeton University Press, 1982.
- JAL, M. P. Historiographie annalistique et historiographie thématique dans l' Antiquité Classique: quelques remarques. *Revue des Études Latines*, v. 75, p. 27-37, 1997.
- JACOBY, Felix. *Die Fragmente der griechischen Historiker*. 15 v. Leiden: Brill, [1923]1959.
- KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W. V. (Ed.). *Cambridge history of classical literature*, v. II. 3: The Age of Augustus. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____. *Cambridge history of classical literature*, v. II. 4: The Early Principate. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- KRAUS, Christina S.; WOODMAN, A. J. *Latin historians*. Oxford: Oxford University Press, 1997. (Greece & Rome, New Surveys in the Classics, v. 27).
- LACY, R. M. Resenha de Marincola, J. Authority and Tradition in Ancient Historiography. *Nova Tellus*, 17-2, p. 183-188, 1999.

- LIVY. *History of Rome*. 14 v. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1970. (The Loeb Classical Library).
- LUCE, T. J. *Livy: the composition of his history*. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- MARASCO, Gabriele (Ed.). *Greek and roman historiography in Late Antiquity – Fourth to Sixth Century A.D.* Leiden/Boston: Brill, 2003.
- MARINCOLA, J. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. Genre, convention, and innovation in Greco-Roman historiography. In: KRAUS, C. S. (Ed.). *The Limits of Historiography - Genre and Narrative in Ancient Historical Texts*. Brill, Mnemosyne Supplements, v. 191, p. 281-324, 2004.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan Scodel, 1990.
- MCDONALD, A. H. Theme and style in roman historiography. *Journal of Roman Studies*, v. 65, p. 1-10, 1975.
- MELLOR, R. *Roman historians*. London: Routledge, 1999.
- MILES, Gary. B. The cycle of roman history in livy's First Pentad. *The American Journal of Philology*, vol. 107, no. 1, p. 1-33, 1986.
- _____. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1997.
- MILLAR, Fergus. *A study of Cassius Dio*. Oxford: Clarendon Press, 1964.
- MOMIGLIANO, A. El solitario historiador Marcelino Amiano. *Ensayos de Historiografía Antigua y Moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 112-123, 1993.
- _____. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004.
- RICH, J. Structuring roman history: the consular year and the roman historical tradition. *Histos*, v. 1, 1997. Disponível em: <<http://www.dur.ac.uk/Classics/histos/1997/rich1.html>>. Acesso em: 16 out. 2007.
- ROHRBACHER, D. *The historians of late antiquity*. London/New York: Routledge, 2002.
- RUCH, M. Le thème de la croissance organique dans la pensée historique des Romains, de Caton à Florus. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, I. 2, p. 827-841, 1972.
- SALLUST. Tradução J. C. Rolfe. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press/W. Heinemann, 1985. (The Loeb Classical Library).
- SYME, R. *Tacitus*. 2 v. Oxford: Oxford University Press, 1960.
- TACITUS. *Histories and Annals*. 4 v. London: W. Heinemann, 1980. (The Loeb Classical Library).
- _____. *Agricola, germania, dialogus*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1996. (The Loeb Classical Library).

THOMPSON, E. A. *The historical work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.

TIMPE, D. Fabius Pictor und die Anfänge der römischen Historiographie. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, I. 2, 1972. p. 928-969.

VELLEIUS PATERCULUS. *Compendium of roman history*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1966. (The Loeb Classical Library).

WOODMAN, A. J. *Rhetoric in classical historiography*. Portland: Areopagitica, 1988.